

Roda de Boteco: o Debate Jornalístico sobre os Temas do Cotidiano Universitário¹

Thaíssa DILLY²
Vitor POSSATTI³
Gilda SOARES⁴

Universidade Vila Velha, Vila Velha, ES.

RESUMO

O artigo relata a experiência de um grupo de alunos de jornalismo da Universidade Vila Velha, UVV, na produção do programa “Roda de Boteco”. O objetivo é mostrar como se deu o processo de criação, produção e montagem de um produto que levava ao espaço acadêmico, assuntos de interesse dos estudantes, os envolvendo na temática discutida. Tendo em vista o grande número de bares nos arredores do campus da UVV, no bairro Boa Vista, em Vila Velha, e a influência deles na rotina dos alunos, o programa radiofônico deslocou o ambiente descontraído do boteco para o horário do intervalo das aulas, através de uma rádio interna. Os temas do “Roda de Boteco” foram levados ao ar num clima descontraído de bate-papo, como se entrevistados e entrevistadores estivessem na mesa dos bares da redondeza.

PALAVRAS-CHAVE: boteco; comunicação; influência; jornalismo utilitário; radiojornalismo.

1 INTRODUÇÃO

O jornalismo utilitário ajuda as pessoas a resolver problemas práticos, através, por exemplo, da prestação de serviço, e as soluções práticas utilizadas, algumas muito criativas, são também exibidas em formas de relato e comentário. A possibilidade de transmitir informações com caráter de prestação de serviços é, sem dúvida, uma das características mais fortes do rádio contemporâneo. Esta característica, se bem utilizada, potencializa ainda

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em jornalismo utilitário – Indicador, Roteiro, Serviço ou Cotação (avulso apresentado em qualquer suporte).

² Aluna líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso de Comunicação Social / Jornalismo da UVV, email: thaissadilly@gmail.com

³ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social / Jornalismo da UVV, email: vitor_possatti@hotmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UVV, email: gildasmiranda@yahoo.com.br

mais uma emissora, especialmente voltada para o público jovem, num ambiente universitário. Pensando nisto, um grupo de estudantes do quinto período de jornalismo criou o programa radiofônico “Roda de Boteco”, em março de 2011.

Os alunos - Evita Natasha, Glenda Machado, Hudson Matos e Vitor Possatti -, sob a orientação da professora Gilda Soares Miranda, desenvolveram o programa integrado às disciplinas: Teorias e Práticas de Radiojornalismo e Laboratório de Radiojornalismo, do curso de jornalismo da UVV, Universidade Vila Velha. No segundo semestre do ano de 2011, houve uma mudança de integrantes no grupo responsável pelo programa, sendo que Glenda Machado e Hudson Matos foram substituídos por Thaíssa Dilly e Vinícius Valfré nesse período. Evita Natasha e Vitor Possatti permaneceram no projeto durante os dois semestres de 2011.

Os membros do grupo, formado por dois homens e duas mulheres, desempenharam as funções de produtores, locutores, pauteiros, redatores, entrevistadores, editores e até sonoplastas. A ideia era fazer um rodízio constante entre os integrantes, como forma de que adquirissem experiências diversas ao longo da existência do programa. O tempo destinado ao programa na rádio interna da Universidade era de vinte minutos, uma vez que a programação é veiculada nos intervalos das aulas. A emissora interna, conhecida como Rádio Poste UVV, é um espaço ideal para que sejam exploradas temáticas de interesse e utilidade para o público jovem universitário. No caso específico do programa Roda de Boteco, optou-se por uma linguagem descontraída, como se os locutores estivessem no ambiente de bares.

O produto tinha como principal finalidade contribuir para uma reflexão, entre os jovens estudantes, sobre o consumo abusivo de bebidas alcoólicas e suas consequências em vários aspectos da vida. A escolha do nome do programa foi feita a partir de uma discussão sobre os encontros frequentes dos estudantes depois da faculdade, ou após o serviço, em bares, botecos, botequins. Enfim, lugares em que são comuns o consumo de cervejas e petiscos, além de uma boa conversa. Como esses momentos normalmente acontecem entre grupos de amigos e colegas de classe ou de curso em torno de uma mesa de bar, o nome escolhido foi “Roda de Boteco”.

Os temas apresentados pelo programa “Roda de Boteco”, eram transmitidos para o público com o uso de uma linguagem coloquial, necessária tanto para a produção dos scripts quanto para a apresentação dos programas. Esta linguagem simples, segundo Alves (2005), só é alcançada quando nos tornamos conscientes das características do nosso trabalho. Neste sentido, buscou-se discutir, com frequência, as peculiaridades da audição do público da Rádio Poste UVV. A fala no rádio deve ser levada ao ouvinte de uma maneira que transmita a mensagem como se fosse uma conversa íntima, como explica Rosental Calmon Alves:

Hoje em dia o rádio cria a ilusão, nas pessoas, de que os programas são só para elas, individualmente. Cada uma pensa que o locutor está falando com ela, e isso toma alta importância numa época em que comenta muito a solidão do ser humano. [...] Dar valor ao jornalismo, ao serviço público no rádio é não jogar as notícias de qualquer maneira, mas adaptá-las aos novos papéis de emissora e ouvinte (ALVES, 2005, pp.165-166).

A escolha dos temas a serem abordados em cada um dos programas foi baseada no público alvo, composto por universitários. Para tal escolha, foi necessária, em cada edição do programa, uma discussão aprofundada sobre os temas que seriam abordados. O desafio do grupo era tratar alguns dos temas em uma perspectiva pouco comum, que pudesse garantir o interesse dos ouvintes.

Após a definição dos temas, os alunos buscavam fontes de informações especializadas para cada assunto, desenvolviam pesquisas na internet para construção do texto para o script, selecionavam trechos de músicas para as trilhas ou BGs e realizavam a gravação e edição no estúdio. As entrevistas eram feitas de acordo com a disponibilidade da fonte. Ou seja, algumas vezes os especialistas, professores universitários ou não, iam até o estúdio a convite do grupo, em outras, um dos integrantes da equipe ia ao encontro do especialista e gravava a entrevista usando um gravador de voz. Em ambos os casos, procurava-se manter a coloquialidade da conversa.

Os alunos tinham liberdade para desenvolver a temática de cada programa, mas sempre com muita discussão entre o grupo e a professora orientadora. Os temas abordados pelo programa variavam desde futebol até consumo e produção de cerveja. O fundo musical, ou BGs do programa, eram utilizados como forma de ilustrar o texto e combinar com a temática apresentada, chamando, assim, a atenção do público.

Antes de começar a gravação do programa e fazer as entrevistas, todos os integrantes do grupo procuravam se informar a respeito do tema através de pesquisas em revistas, jornais, sites, entre outros. Utilizava-se também o que chamamos de “treino”, com leituras e releituras do script, com o intuito de que fossem evitados possíveis erros durante a gravação. Todos esses procedimentos foram feitos com base nos estudos em sala de aula sobre, entre outros, o texto de Robert Mcleish, que destaca a importância de uma boa preparação:

A primeira coisa que se exige do apresentador é que ele entenda o que está lendo. Não se pode esperar que sua comunicação seja clara se ele mesmo não captou plenamente o sentido do texto (...). Deve reservar um tempo para fazer a leitura antecipadamente e em voz alta- o que lhe dá a oportunidade de entender o conteúdo e evitar armadilhas (MCLEISH, 2001, p.90).

A edição do programa “Roda de Boteco”, ao longo de dois semestres de atividade, contou com colaboração dos técnicos de áudio Diego Freire, Geovany Wandekoken, Jean Mariano, Jean Souza e Same Mattar, funcionários do Núcleo Integrado de Comunicação (NIC) do curso de Comunicação Social da UVV, onde eram produzidos todos os programas de rádio da turma nas duas disciplinas de Radiojornalismo.

2 OBJETIVO

Atualmente, bares, botecos e botequins, fazem parte da vida universitária, além das tradicionais disciplinas e tarefas do ensino superior. Com isso, foram pautados assuntos discutidos nesses ambientes, apostando que os temas teriam boa aceitação do público ouvinte.

O objetivo era prestar serviço, informar e entreter o ouvinte durante os intervalos das aulas, abordando os assuntos constantemente discutidos em ambientes de botecos, bares, botequins, etc. Também fomentar temas variados, atuais, interessantes, que estão presentes nas rodas de botecos, sejam elas formadas por estudantes universitários, colegas de trabalho ou até mesmo familiares.

Além disso, o grupo tinha o intuito de evitar o estilo frequente de outros programas de rádio, em que se preza a formalidade. No programa almejava-se conquistar o ouvinte por

meio de um diálogo leve e objetivo, sem deixar de lado a interatividade, que é de extrema importância, como afirma Heródoto Barbeiro:

A comunicação via rádio não pode mais ser entendida apenas como um som obtido a partir de um eletrodoméstico de formato quadrangular e provido de botões, sejam para girar ou apertar. O rádio deve ser entendido como uma comunicação auditiva, eletrônica e de longa distância. Agora, mais do que nunca, acrescido de interatividade. Não é mais possível conceber o rádio fora de interação constante entre o emissor e receptor da notícia, depois do desenvolvimento da internet e do trânsito do rádio nessa nova estrada que contém todos os veículos eletrônicos (BARBEIRO, 2001, p.137).

O “Roda de Boteco” também procurou atrair o ouvinte por meio das músicas transmitidas na programação. Os sons foram escolhidos após discussão, levando em consideração as músicas que estavam sendo mais ouvidas pelos jovens naquele momento em que o programa ia ao ar. Por isto, os gêneros foram os mais variados, visando conquistar a identificação do público-alvo com o “Roda de Boteco”, que é uma das possibilidades/recursos que o rádio possui, como mostra o pesquisador Mário Kaplún:

Quando as pessoas escutam rádio, entram em jogo mecanismos psíquicos fundamentais como o da identificação. O público se identifica com determinados locutores, com determinados artistas, com determinadas personagens, com determinados programas e estabelece com eles uma relação afetiva especial (KAPLÚN, 2005, p.89).

A produção e elaboração do programa radiojornalístico “Roda de Boteco” foi uma etapa do aprendizado nas disciplinas de Radiojornalismo e, portanto, uma das metas foi a ampliação do conhecimento sobre como fazer jornalismo no rádio por meio da experiência prática sem perder a capacidade de reflexão. A produção dos programas serviu para assimilação do conteúdo, haja vista o hiato existente entre teoria e prática, principalmente tratando-se de uma ciência aplicada como o Jornalismo.

3 JUSTIFICATIVA

Os bares e botecos funcionam como uma válvula de escape para as pessoas que passam por uma semana corrida e agitada. É nesses ambientes que os alunos, trabalhadores e outras pessoas, encontram momentos de distração, descanso, socialização, diversão, enfim, uma maneira de extravasar todos os problemas do cotidiano. Pelo menos este tem sido o

argumento defendido pelos jovens universitários que frequentam os bares e botecos no entorno da UVV. E não são poucos os ambientes desta natureza nas redondezas da Universidade. O que acaba instigando até aqueles jovens que vieram para a Universidade com o firme propósito de estudar.

Tendo em vista a pluralidade desses ambientes nos arredores do campus da UVV em Boa Vista, a significativa influência – positiva ou negativa – deles na rotina dos universitários, o grupo decidiu pautar os assuntos discutidos nesses lugares. Foi pensada também a questão da grande aceitação dos jovens por esses ambientes e, conseqüentemente, por um programa radiofônico composto por assuntos presentes nos mesmos, de forma descontraída.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Os programas foram produzidos com a presença constante da opinião do público por meio de enquetes e micro-entrevistas, além de entrevistas em profundidade com especialistas em educação física, nutrição, psicologia, medicina, trânsito, comércio, etc. A escolha das músicas levou em conta os temas dos programas.

Vale destacar, no aspecto das montagens dos programas, as dicas dos técnicos de laboratório que trabalharam com a equipe ao longo dos dois semestres de produção, tanto no que diz respeito à qualidade das sonoras captadas, quanto às trilhas e à plástica dos programas. Percebeu-se que o trabalho fica bem feito quando existe o diálogo entre os participantes, nesse sentido a atuação desses profissionais foi de extrema importância para o resultado final positivo dos programas.

A busca pela qualidade técnica no uso de microfones e gravadores nos ajudou a compreender que o rádio é um veículo absolutamente sonoro, com a vantagem do alcance, mas com a desvantagem da dispersão. Armand Balsebre pergunta se “teria o rádio uma linguagem específica” e ele mesmo responde:

A linguagem radiofônica é o conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas pelos sistemas expressivos da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, cuja significação vem determinada pelo conjunto dos recursos técnicos/expressivos da reprodução sonora e o conjunto de fatores que caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo-visual dos ouvintes (BALSEBRE, 2005, p.329).

Com relação às fontes de informação convidadas para responder perguntas ligadas ao tema tratado no programa, a escolha era feita sempre a partir de uma pesquisa sobre o histórico da pessoa com o tema e seu conhecimento do assunto. Também verificávamos a disponibilidade que a pessoa teria para ser entrevistada no programa. A intenção era que a entrevista fosse feita de forma bem simples e direta, como se estivéssemos, os três – locutores, entrevistado e público – conversando numa roda de amigos.

Antes de cada entrevista, os membros do grupo faziam uma preparação para ampliarem o repertório de conhecimento e informações suficientes acerca do assunto a ser abordado, para que fosse feita uma entrevista de qualidade. A proposta era abordar as questões com um foco ainda pouco explorado pelas mídias tradicionais e, portanto, novo e té surpreendente para o público-alvo.

Na edição do programa em que o tema foi futebol, por exemplo, ficou decidido que o “gancho” para o início da entrevista com um Doutor em Fisiologia Humana seria o fato de o jogador de futebol Neymar ter engordado, até aquele período, cerca de onze quilos desde que veio das categorias de base do Santos.

Para a edição, foi preciso um cuidado especial com as perguntas, respostas, texto e músicas, para que o resultado final fosse um programa coerente, leve, despojado, com a cara e o jeito do público alvo, que é o público universitário, ouvinte da Rádio Poste UVV, a rádio interna onde o programa era veiculado.

Houve também a preocupação dos alunos com as edições do programa Roda de Boteco para a Rádio CBN Vitória. Foi necessária a “reforma” de cada programa realizado, seguindo as normas estipuladas pela emissora como, por exemplo, o tempo máximo de duração (dez minutos), recorte das músicas e eliminação da vinheta criada. Esse exercício possibilitou aos alunos uma maior experiência na área de edição e também o conhecimento de outros padrões utilizados nas emissoras externas à unidade acadêmica. Tal execução justifica-se para que o grupo possa entender como funciona as práticas radiojornalísticas no mercado de trabalho atual.

5 CONSIDERAÇÕES

As próprias temáticas dos programas permitiram o uso de uma linguagem mais solta, mas ao mesmo tempo contundente. Isso permitiu uma boa audiência, haja vista que em um mundo onde as pessoas têm cada vez menos tempo para refletir, é fundamental se adaptar e criar meios eficazes de diálogo com o ouvinte. O trabalho foi sempre norteado pela preocupação do grupo em ofertar um conteúdo proveitoso para os ouvintes.

No que diz respeito ao aprendizado jornalístico, os programas foram de enorme relevância. Desde a preparação das pautas, passando pelas escolhas de entrevistados, as entrevistas propriamente ditas, a forma como o programa foi articulado e conduzido, e a montagem dos mesmos. Todo o grupo fez um “rodízio” de funções no trabalho, o que permitiu que todos tivessem noções de cada área na montagem dos programas. Esta experiência viva irá, com certeza ajudar na prática profissional no mercado de trabalho depois de formados.

A conclusão a que chegamos é que: de todo o processo de produção do programa radiofônico, o mais complexo e um dos mais importantes é, sem dúvida, a edição. No jornalismo não adianta ter um vasto material sobre determinado tema se não existe um enfoque bem definido, ou se não existe a sensibilidade de realizar os “cortes” de maneira proveitosa.

O trabalho de montagem de um programa exige, sobretudo, muita atenção. Herótodo Barbeiro explica melhor esse processo.

A edição é a forma de se construir de maneira mais organizada uma reportagem ou uma sequência de sonoras capazes de relatar um fato jornalístico. As edições devem ser enxutas, ricas em conteúdo e didáticas, para que o ouvinte saiba do que se está falando (BARBEIRO, 2001, p.70).

A atuação da orientadora também foi de extrema e fundamental importância. Tanto no sentido de orientar o grupo tanto para os possíveis enfoques a serem dados nos programas, quanto para a escolha das fontes mais adequada para falar sobre os temas. Os programas puderam assim ter um direcionamento melhor e, por consequência, um formato mais bem definido.

Por fim, todos os programas acrescentaram algo de novo ao aprendizado. A possibilidade de ouvir profissionais de áreas diversas permitiu que tivéssemos relativa experiência de como os jornalistas profissionais, no seu cotidiano lidam com o inusitado, com as dificuldades e incertezas. A questão de lidar com o tempo também possibilitou que tivéssemos uma noção de como funciona os prazos na atividade jornalística.

Percebe-se também a importante função, exercida pelos alunos, como prestadores de serviço à sociedade. Em que buscavam priorizar nas edições do programa temas de interesse dos cidadãos, como futebol, blitz de trânsito, saúde, entre outros, além de inserir dicas de promoções em bares e botequins do Estado, a fim de agradar os ouvintes. Essa prática ajuda a entendermos que somos mediadores do conhecimento junto à sociedade, nós vamos atrás das informações, respostas, dúvidas, perguntas, que o povo gostaria de fazer, entretanto, não fazem por não deter o poder da comunicação.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. C. **Radiojornalismo e a Linguagem Coloquial**. In MEDITSCH, E. (Org.). Teorias do rádio: textos e contextos: volume I. Florianópolis, SC: *Insular*, 2005.

BALSEBRE, Armand. **A linguagem radiofônica**. In MEDITSCH, E. (Org.). Teorias do rádio: textos e contextos: volume I. Florianópolis, SC: *Insular*, 2005.

BARBEIRO, Heródoto e LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Radiojornalismo-Produção, Ética e Internet**. Rio de Janeiro: *Campus*, 2001.

KAPLÚN, M. **A natureza do meio**: limitações e possibilidades do rádio. In MEDITSCH, E. (Org.). Teorias do rádio: textos e contextos: volume I. Florianópolis, SC: *Insular*, 2005.

MCLEISH, R. **Produção de rádio**: um guia abrangente de produção radiofônica. 2. ed. São Paulo: *Summus*, 2001.